

CFESS Manifesta

Março de lutas: Marielle semente, Marielle presente!

Brasília (DF), 14 de março de 2020
Gestão É de batalhas que se vive a vida!



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

www.cfess.org.br

MARÇO DE LUTAS

AS LUTAS, COMO AS
ÁGUAS DE MARÇO,
NÃO SE ENCERRAM
NO DIA 8. É PELA
VIDA DAS MULHERES!



No Brasil e em toda América Latina, o mês de março (em especial, o 8M) marca a chamada para os processos de mobilização contra a ofensiva capitalista, patriarcal e racista em curso hoje no país e no mundo. Como no processo político que deu origem ao 8 de março, no início do século 20, este é não só um dia, mas um mês de convocatória ao internacionalismo da luta das mulheres contra o sistema que produz relações sociais de opressão, exploração e dominação que, embora estruturais, se acirram nos contextos de crise.

As lutas feministas têm demonstrado que, mais do que nunca, as expressões da questão social sob a ofensiva de superexploração e expropriação do capital se dá de mãos dadas com a ascensão fundamentalista, conservadora e de características fascistas em todo o mundo, evidenciando que a reprodução deste sistema patriarcal capitalista e racista se faz pela estrutural superexploração do trabalho, do controle do corpo e da sexualidade, da violência e da permanente busca por criar barreiras à insurreição das mulheres e toda a classe trabalhadora contra as desigualdades históricas e cotidianas que marcam a vida e se aviltam na atual conjuntura.

As expressões do agravamento destas desigualdades históricas se mostram no país pelo desmonte voraz dos direitos sociais, sob o programa ultraneoliberal que vem sendo imposto com medidas autoritárias e discurso desdenhoso sobre a classe trabalhadora pelo governo Bolsonaro. Em função da divisão sexual que marca a divisão social do trabalho, as mulheres da classe trabalhadora e, sobretudo, as mulheres negras, são as mais afetadas por esta medida. Já maioria nas situações precárias de trabalho, as mulheres são empurradas ainda mais para a informalidade e submetidas, especialmente após a reforma trabalhista e previdenciária, a ser maioria entre o conjunto de pessoas em situação de desproteção social.

A usurpação permanente do fundo público para os interesses do capital, notadamente do capital rentista, acirra a apropriação do tempo e do trabalho não remunerado das mulheres da classe trabalhadora nos cuidados e nas filas em busca de assistência à saúde em um SUS criminosamente sucateado, pela redução da oferta de vagas na educação



A RESISTÊNCIA DAS MULHERES NAS RUAS, E NOS DIFERENTES CONTEXTOS, EXPRESSA FORÇA POLÍTICA ORGANIZADA DO MOVIMENTO FEMINISTA E SE INSURGE, TAMBÉM, CONTRA AS TENTATIVAS DE APROPRIAÇÃO IDEOLÓGICA QUE TENTAM REDUZIR O FEMINISMO A UMA ATITUDE INDIVIDUAL EXPRESSA SOB A FORMA DE MERCADORIAS E CONTRA OS DISCURSOS LIBERAIS DE EMPODERAMENTO.

infantil, dentre outras consequências deste desmonte para as condições de reprodução e existência da classe trabalhadora. Enquanto a fortuna dos 206 bilionários do país atingiu os maiores patamares de crescimento, o desemprego e o empobrecimento massivo atingem patamares aviltantes e são as mulheres as primeiras e as majoritariamente afetadas, seja no âmbito do trabalho remunerado, como no trabalho doméstico e de cuidados.

Os discursos e anúncios cotidianos que apelam à valorização da família nuclear burguesa, à abstinência sexual para adolescentes e as iniciativas da bancada religiosa e fundamentalista de impor legislações que agravem a criminalização e interditem o direito das mulheres ao aborto, são parte de uma tentativa de redomesticação das mulheres que, se aparecem sob a forma desvario conservador, repousam em um interesse material concreto: manter as mulheres em lugares subordinados que são funcionais à reprodução do sistema. São a contraface do desmonte de políticas e da expropriação de direitos.

Nesse contexto, a violência contra as mulheres recrudescer. Aumentam os números de violência sexual, e do estupro corretivo contra

as mulheres lésbicas. Os crimes de feminicídio crescem, e chama atenção os números de assassinatos de meninas, especialmente nos contextos militarizados. Os crimes de ódio contra as mulheres trans se agravam, no país em que se registram os maiores índices de violência letal contra esta população. A violência política contra as mulheres é eivada de faces patriarcais: discursos misóginos que apelam à violência sexual simbólica como forma de desqualificação de nossas vozes, legitimação e acionamento da violência doméstica, acionamento e naturalização da violência racista e violência aberta contra os povos indígenas em luta por seus territórios e hoje sob forte ataque das forças repressivas do Estado e dos grupos armados ligados às forças no poder. O terror neoliberal se expressa, para nós mulheres, no acirramento destas formas de violência e no agravamento da violência do Estado, como se demonstra no Brasil, no Equador, no Chile e em várias partes da região hoje em que a restauração neoliberal se impõe. São as mulheres negras aquelas que arcam com as consequências objetivas e o desespero cotidiano do acirramento da política de extermínio e encarceramento massivo da juventude e da população negra, contra as quais todas as forças políticas feministas são hoje convocadas a se insurgir.

A resistência das mulheres nas ruas, e nos diferentes contextos, expressa força política organizada do movimento feminista e se insurge, também, contra as tentativas de apropriação ideológica que tentam reduzir o feminismo a uma atitude individual expressa sob a forma de mercadorias e contra os discursos liberais de empoderamento. Cada uma com seu feminismo não basta: é preciso, como em todos os momentos críticos da história, construir organização coletiva, acumular forças, se-mear nossos horizontes utópicos e traduzi-los em projetos emancipatórios. E nós, assistentes sociais, somos uma força necessária neste processo que se faz na luta, no cotidiano da formação e atuação profissional e como imperativo de afirmação de nosso projeto ético-político. As lutas, como as águas de março, não se encerram no dia 8 e seguem nas mobilizações convocados para o curso deste mês. Nos juntamos a este março de lutas!

Marielle semente, Marielle presente!

Gestão É de Batalhas que se vive a vida! (2017-2020)

Presidente Josiane Soares Santos (SE)
Vice-presidente Daniela Neves (RN)
1ª Secretária Tânia Maria Ramos de Godoi Diniz (SP)
2ª Secretária Solange da Silva Moreira (RJ)
1ª Tesoureira Cheila Queiroz (BA)
2ª Tesoureira Daniela Ribeiro Castilho (PA)

Conselho Fiscal
 Nazarela Silva do Rêgo Guimarães (BA), Mariana Furtado Arantes (MG) e Régia Prado (CE)

Suplentes
 Magali Régis Franz (SC)
 Joseane Couri (DF)
 Neimy Batista da Silva (GO)
 Jane Nagaoka (AM)

CFESS MANIFESTA
Março de Lutas: Marielle semente, Marielle presente

Conteúdo (aprovado pela diretoria):
 Verônica Ferreira - Assistente social, integrante da Articulação das Mulheres Brasileiras (AMB) e pesquisadora do SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia.

Organização: Comissão de Comunicação
Arte/ilustrações: Rafael Werkema